



MISS LILY BRAYTON, insigne artista dramatica ingleza

(Cliché RITA MARTIN)

II Série — N.º 509

Ilustração Portuguesa

Lisboa.. 22 de Novembro de 1915

Assinatura para Portugal,
colonias portuguezas
e Hespanha: **Trimestre 1\$20** cty
Semestre 2\$40 „
Ano 4\$80 „
Numero avulso, **10 centavos**

Edição semanal do jornal O SEculo

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •



REMINGTON UMC

Armas E Cartuchos Remington-UMC

"Os cartuchos UMC trazem-me grãtas lembranças da minha mocidade. Os ligti-mos "U" como nos os chamamos aqui por estas regiões, foram os favoritos do meu pãe e tem sido a parte inseparável da vida de meus filhos. Companheiros fiéis em todas as nossas caçadas, e tem contribuido generosamente para o sustento da nossa familia. Conhecem-se ha cincuenta annos e já se adaptam a todas as marcas e calibres de armas de fogo.

Fabricados pela Companhia constructora das armas afamadas por todo o mundo ha mais de un seculo, e agora representada pelos novos rifles e espingardas REMINGTON. As armas e cartuchos REMINGTON-UMC formam uma combinação ideal para tiro ao alvo, passeios pelo campo, ou caçadas pelos bosques. Tem sido os factores indispensáveis, na minha familia, porque desde a minha infancia tem estes facilitado o *Pão Nosso de Cada Dia*.

As armas e cartuchos REMINGTON-UMC encontram-se á venda nas casas principaes em todas as partes.

Enviamos gratis, circulares discriptivas, catalogos e cartazes a côres a quem os solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co.
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 29 A.
Marãõs



Gizella
O MELHOR SABONETE

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA ROSA D'OURO

COLOSAL SORTIMENTO

Rua do Ouro, 281, JOAQUIM R. ALVES LISBOA

ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS

PILULAS DIGESTIVAS FOSTER

(Tonico-Laxativas, Anti-Biliosas)

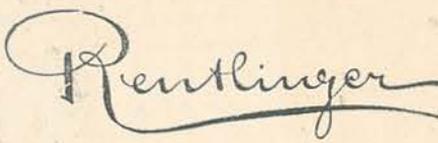
Remedio ideal contra: Somnolencia consecutiva ás comidas; enxaquecas; digestões difficeis; pobresa de sangue; falta de appetite; ondas de calor á cabeça; azia e dores de estomago; bilis; tez amarellada; oppressão e suffocação; palpitações; calafrios; nauseas; prisão de ventre pertinaz; eructações; flatulencia; lingua saburrosa; tonturas de cabeça; manchas deante dos olhos; mãos e pés frios; etc; etc.

As Pilulas Digestivas Foster encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & Cº, Succes.,**
Rua Monsinho da Silveira, N.º 85, Porto.

Agencia de litographia: G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.

FOTOGRAFIA



A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-01) ASCENSOR

REMEDIO FRANCES

XAROPE FAMÉL

CURA INFALLIVELMENTE BRONCHITES Mesmo Chronicas

TOSSES ASTHMA

FRASCO 1 ESCUDO

Em todas as pharmacias ou no deposito geral
J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, Lisboa.
Franco de porte compranda 2 frascos.

Companhia do Papel do Prado

CAPITAL

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Reservas	950.310\$000

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo aos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contia ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes. — *Escritorios e depositos:*

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276 PORTO — 49, Rua de Passos Manoel,

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

A' VENDA

Almanaque Ilustrado d'O SEculo

PARA 1916

A' VENDA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 509

22-11-1915

Bruno

Morreu Bruno. Nunca a palavra «erudição», que o século XVIII creou, foi empregada com tanta justiça e tanta propriedade. José Sampaio, n'esta lamentavel crise de ignorância, era a expressão rara do erudito. José Sampaio, n'esta pobre socie-



dade em dissolução, foi a afirmação fundamentalmente simples do homem de bem. Grande pensador? Sem dúvida. Maior que a sua obra. Diz João Grave, discípulo e amigo de Bruno, seu continuador, decerto seu successor, n'um artigo admiravel de elevação literária e de nobre sentimento: «Como pensador, como agitador de idéas,

como filósofo, o pobre Bruno não poderá ser julgado conscienciosamente pelos seus livros. O verdadeiro José Sampaio, aquele homem que alguns raros amigos conheceram, não está n'esses livros; não chegou a revelar-se; será por infelicidade, para todo o sempre, ignorado das multidões ilustradas». Com quanta comoção eu saúdo, na hora amarga de hoje, o glorioso desconhecido d'ama-nhã!

S. Carlos

Diz-se que vae abrir S. Carlos. Calculo que não será com uma revista do ano; — e julgo licito esperar que se tratará de uma companhia de ópera italiana. Porque não? Creaturas que se comprazem na samsaboria d'um pessimismo obstinado, — afirmam a impossibilidade de abrir-se um grande teatro lírico n'uma cidade onde a sociedade antiga se dissolveu e onde a sociedade nova tem, possi-



velmente, reduzidas exigências intellectuaes. Mas porque não ha de Lisboa sustentar durante tres mezes uma companhia d'ópera, — tendo sustentado durante um ano duas orquestras? E' certo que a ópera italiana é cara; mas não é menos certo que a ocasião é excelente. Os cantores estão, como qualquer mercadoria, sujeitos ás leis imperiosas da oferta e da procura. E como não é de crêr que a Europa em guerra faça, na frente da batalha, um excessivo consumo de tenores e de barítonos, — o mais elementar espirito de previdência aconselha os artistas francezes e italianos a aceitar contratos modestos nos paizes neutraes, ao menos durante o brevissimo tempo em que ainda haverá neutralidades em matéria de politica internacional.

O Infante

Estiveram expostas na Escola de Belas Artes as

provas de concurso de dois candidatos á cadeira de escultura: Simões d'Almeida sobrinho e Costa Mota. A prova sensacional é a «maquette» de uma estátua do Infante de Sagres. Simões d'Almeida produziu um trabalho admiravel de evocação, de inspiração, de força; Costa Mota, um trabalho cheio de sobriedade, de humanidade, de simplicidade. O D. Henrique



do primeiro é o Infante da iluminação do código de Azurara e das táboas de Nuno Gonçalves, duro, seco, latino, terminante, com o seu mongil roxo, o seu chapéu amantado de Borgonha, a mão fina de normando — a mesma mão do polyptico de S. Vicente — a amarrotar um portulano de Veneza ou um relatório ingénuo de Diogo Gomes. O D. Henrique do segundo tem menos caracter, menos composição, menos grandeza, menos vigor. Que diferença fazem as duas estátuas? Uma diferença fundamental: a primeira é o Infante; a segunda pode ser, indiferentemente, qualquer dos seus navegadores.

Politica

Quando esta crónica fôr publicada, é possível que o governo José de Castro, em virtude de embaraços de vária ordem, esteja demissionário. O espetáculo da politica portugueza está longe de poder considerar-se tranquilizador. Tenho a impressão de que nunca foi tão difficil governar. Essa

difficuldade não provém exclusivamente das graves contingências da politica exterior. As manifestações d'uma profunda indisciplina social, tão funesta ás republicas; a tendência para a inversão de todos os principios de hierarquia, e a excessiva intervenção, na politica ativa, de elementos que devem limitar-se a assegurar a autoridade do Estado constituido, tornam, particularmente n'este momento, perigoso e difficil o exercicio do poder. As hesitações de determinados estadistas de prestigio investidos na missão de organizar o futuro gabinete, explicam-se e justificam-se. E' hoje necessário um grande espirito de sacrificio para se ser ministro em Portugal.



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



REENTRANDO na velha vivenda familiar depois d'uma longa ausencia de desoito anos, Mateus sentia-se invadido por uma infinita saudade conjuntamente dolorosa e doce.

Havia chegado dois dias antes á casa solitaria que nunca mais se abria desde o seu voluntario exilio. Ao passear melancolicamente nas sonoras salas desertas e crepusculares, reconstituia o seu passado, evocava as horas findas em que fôra feliz, em que tivera sonhos de grandeza e de gloria, em que o alvoroçara uma esperança que não cabia no mundo. Estas resurreições serenavam-no. Por vezes abria timidamente uma janela que respirava para o jardim, e logo recuava assustado, com medo de que o surpreendessem. D'essa janela entrevia-se uma outra habitação que Mateus muito bem conhecia e que apenas uma sebe de roseiras bravas separava da sua. Outr'ora, uma adolescente em plena alvorescencia de graça e de amor, iluminava-a com a sua beleza radiante. Mateus reavivava as recordações inefaveis d'um idílio findo com essa candida adolescente, que se chamava Izabel, que era ingenua, que era angelicamente boa e que com tanto fervor, com tanta paixão amou. Costumara-se, logo na meninice, a conversar com a sua visinha junto da verde sebe que em abril, sob o ceu azul, se perfumava do aroma fino das corolas novas. Esta amizade infantil transformou-se em adoração absorvente, no mais intenso poema lirico que tinha vivido. Ah! dessas lembranças meigas nada mais lhe restava do que um residuo de amargura. Falhara o seu destino. Era o derradeiro representante d'uma casta que com ele se extinguiria! E porquê, porquê? Só porque não soubera ser forte, defender com intransigencia uma felicidade a que tinha direito! Tantos anos haviam deslizado sobre esse drama, mergulhando-o em perpetua sombra, e eis que Mateus, na velhice, novamente o relembra com umínosa realidade.

Não pudera olvidar as épocas divinas e confiantes da juventude em que uma fé esplendida derramava no seu caminho as lucidas claridades reveladoras. Então, considerava que o homem seria sempre uma criatura incompleta, que apenas a mulher profundamente amada completaria —porque essa mulher, mais do que a sua consoladora suprema e a sua inspiração inexgotavel, se transmutaria na sua justa e admiravel consciencia. N'essas éras já distantes, Mateus possuía uma visão do mundo moral e das forças eternas que o governavam bem diferente da que formava aos cincoenta e cinco anos. Alvoroçadamente procurou a personalidade feminina idealizada em minutos de febre e de quimera, e encontrou-a para que o seu sofrimento fosse maior. Mas como o encanto d'esse episodio sentimental ia longe, com a sua poesia e a sua emotividade! Alguem se interpusera entre eles, separando-os definitivamente, interrompendo de-subito uma ventura nascente que começara com bençãos e hinos de reconhecimento e que acabou com lagrimas e desesperos. E esse alguem fôra precisamente um camarada do curso universitario, um amigo intimo!...

Daí em diante nunca mais viu Izabel, afastou-se d'ela para que o seu coração insubmisso se aquietasse. Como tinha de renunciar, fatalmente, por exaltado romantismo, ao seu amor, pretendia esquece-la. Para isso, tudo deixou: — a nacionalidade, a vivenda secular que fôra de seus pais, o jardim com altos e vetustos arvoredos que pelas férias lhe ofereciam o deleite e a fresquidão das sombras veludosas e brandas e debaixo dos quaes, pelas tardes quentes de verão, tanta vez leu Horacio, o pomar que pelos fartos outonos vergava da abundancia dos frutos maduros, dourados e aromaticos. Ao seguir para a demorada viagem de que agora regressava, minado pela nostalgia, Izabel estava ainda solteira e era maravilhosamente linda, aureolada pela massa dos cabelos louros, os olhos d'um azul quasi liquido, a boca virginal onde constantemente adejava a aza ligeira do riso, a pêe sedosa, branca e tão transparente que através d'ela se advinhava a rede das veias. Casaria dentro em breve com Simão de Menezes, como ele formado em direito!...

Comtudo, Mateus não a recriminava. No instante em que o misterioso ocase da morte principiava a descer sobre ele, não duvidava da lealdade e da abnegação com que fôra amado. Quebrara espontaneamente o fio encantado da sua felicidade com a raiva, a loucura furiosa com que, n'um relampago de alucinação, um escultor de genio despedaçasse, a marteladas vertiginosas, um marmore immortai. Havia um culpado no seu infortunio: — era ele.

— Se Izabel aqui tivesse entrado, como minha esposa, a alegria d'esta casa resurgiria! — exclamou Mateus, n'um soluço. Seria uma aleluia triunfal, uma festa de luz e de beleza!...

Dirigiu-se resolutamente para a janela do seu quarto, correu a vidraça, espreitou para fóra com curiosidade. Estava uma deliciosa tarde dos fins da primavera, translucida, resplandecente. No ceu ardia, como uma enorme rosa de ouro que se pulverisasse em lume, um sol fabulosamente louro. Mateus, compondo a roupa em desalinho, desceu ao jardim que não via ha desoito anos e que o caseiro trazia bem t-atado. Experimentava um secreto jubilo em visitar novamente os sitios em que fôra feliz. Os mais apagados, fugidios pormenores do seu remoto amor adquiriam para ele uma nitidez perfeita. Passando perto da sebe de roseiras bravas, murmurava:

— N'este ponto, deu-me Izabel, pela primeira vez, um cravo branco!

Mais adeante parava outra vez, dizendo:

— Era aqui que falavamos, todos os dias, quando eramos crianças! Hoje, estou velho e nem sequer sei se ela existe! Como a vida se renova e se transfigura continuamente!

Foi n'essas conversas pueris que os seus corações puramente aprenderam a amar e as suas bocas a sorrir de enlevo. Depois Izabel crescera, a sua beleza desabrochou como uma flor rara; Mateus crescera tambem. Tiveram de separar-se. Um foi para o liceu; a outra para o colegio. Mas a palestra continuára em cartas, até ao momento em

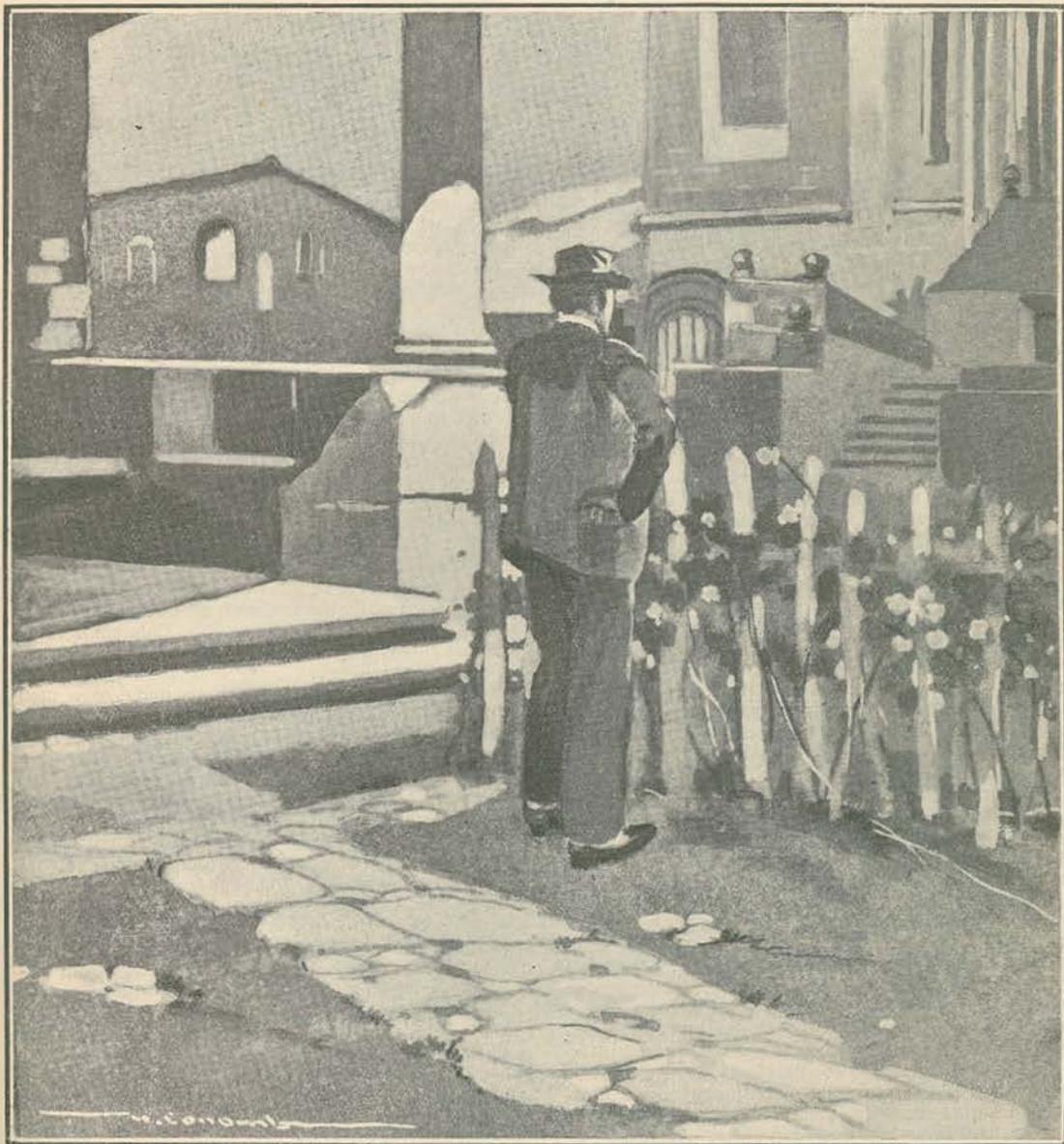
que Mateus inesperadamente rompera, concluída a formatura e quando a sua aspiração ia transmutar-se em realidade concreta! Sentado n'um banco de cortiça, sob a ramaria densa dum negrilho, reconstituía os mais apagados lances desse devaneio, o cruel bilhete de despedida que mandára a Izabel, a mentira escondida nas suas palavras — uma deplorável mentira que ainda o envergonhava e lhe exacerbava os remorsos.

Mas fôra impellido á crueldade por amor d'ela e era isto justamente o que Izabel não sabia, o que, por orgulho, talvez por um romantismo lamentavel,

adversario da sua existencia moral, muito embora fosse um condiscipulo? Ah! o seu romantismo doentio e fôra das atormentadas realidades do universo! Todo o seu mal derivava d'esse romantismo incompreensível, que jámais dominára!

—Se Izabel não morreu, que juizo formulará a meu respeito? — exclamava.

Ha quanto tempo esta idéa fixa o perseguia, sem repouso. Parecia-lhe que a suave rapariga que tanto amou o consideraria o mais perverso dos homens, um ser sem caracter, cinico, sarcástico, praticando por prazer a maldade. E, com efeito, Izabel



jámais lhe confessára. O segredo que trazia no seu espirito era uma justificação. Só para uma outra pessoa não era estranho: — o marido de Izabel: mas esse, decerto, por conveniencia, por egoismo, nunca lh'o revelaria.

Com as mãos nos bolsos, soprando á brisa o fumo azulado do cigarro, que se esfarrapava no ar, Mateus interrogava-se, sem encontrar resposta que o satisfizesse. Para que transigira? Para que se sacrificára? Para que abdicára da sua felicidade em favor da felicidade d'um outro, d'um intruso, d'um

teria razão para o julgar com severidade. Entretanto, esse julgamento desfavoravel pungia-o. Perdera para a sua ventura de homem consciénte a mulher que sagradamente adorára, mas desejava que ela o absolvesse do seu crime, — se crime houvera na maneira como procedeu.

Brandamente, levemente como um halito, como uma invisível pulsação, a tarde caía. Começava a arfezer. Mateus levantou-se e recomeçou o passeio pelos arruamentos areados, pelas silenciosas alamedas que as arvores ensombravam. Um arrepio de

vento murmurava nas folhagens. De repente, um pequenito saiu correndo da vivenda proxima, jogando o arco e soltando gritos de contentamento. Mateus encaminhou-se para a sebe, com um sobresalto de coração. A criança era loira, tinha uns olhos azues que lhe faziam recordar os de Izabel. O cabelo, em aneis, voava á roda do seu pescoço fragil.

—Viva o meu menino!—saudou Mateus.

Ele, com o arco nas mãos, contemplou espantado aquele homem de bigode encanecido e face enrugada, que nunca vira e que agora lhe falava.

—Venha cá, não tenha medo de mim!—continuou Mateus. Não lhe faço mal, sou um amigo.

Hesitante, entre curioso e desconfiado, o pequeno aproximou-se, mirando sempre o seu interlocutor com os seus olhos azues e cismadores.

—Como se chama o meu amor?

—Chamo-me Pedro.

—Bonito nome... Pois vou ser seu visinho, sabe? Moro aqui, n'esta casa. Havemos de conversar muito e hei de dar-lhe lindas coisas, que tenho lá em cima para si...

Uma voz, vinda de longe, do interior da morada, bradou:

—Pedrinho, venha cá. A mamã procura-o.

A criança partiu imediatamente, sem se despedir e Mateus, alvoroçado, ficou ainda no jardim, encantado com a surpresa que subitamente comunicava uma esperança á sua angustia.

Na vivenda visinha da sua havia uma familia— e essa vivenda fôra antigamente propriedade dos paes de Izabel. Viveria aii, com os filhos, com o marido feliz, ao cabo de tantos anos? E como estaria ela? Seria ainda esplendidamente bela, d'essa belesa que só o amor perpetúa? Ou teria a velhice iniciado a ruína da sua formosura? Mas, se na verdade era Izabel a moradora daquela sosegada habitação, não tardaria a vel-a! O pequenito, certamente, iria contar o encontro que tivera, com essa vivacidade de que só a infancia dispõe, e as pessoas da casa apressar-se-iam a querer conhecer o homem que junto delas viera estabelecer a sua residencia! Estas divagações agitavam Mateus que não interrompia o passeio junto á sebe onde as rosas bravas floriam em cachos, pintalgando de vivas manchas coloridas a verdura tenra. Tornar a vêr Izabel, falar-lhe, conseguir um perdão essencial á quietude da sua vida interior! Assim o reclamava a sua dignidade de homem, a sua noção do dever. Se tinha errado, renunciando, bem castigado estava. O erro fôra lancinantemente expiado.

Uma vagarosa, interminavel hora decorreu. Ninguém aparecia no jardim; mas, da casa proxima, vinha o som dum piano onde alguém tocava as «lieds» de Schumann. Mateus recordou-se de que Schumann era, em outros tempos, o compositor que Izabel preferia.

—Será ela?—perguntava a si proprio.

Depois, o piano emudeceu, a solidão pesou mais á volta. A distancia, ouvia-se o ranger duma bucolica nôra tirando dum poço a cristalina agua de rega. Mateus deu alguns passos para o lado oposto do jardim, conturbado pelas suas incessantes locubrações: e quando voltou, lentamente, viu que da outra banda da sêbe, uma senhora toda vestida de preto, colhia rosas nos canteiros. Acelerou a marcha, e ao barulho que as suas botas produziam na areia crepitante, a desconhecida, que estava curvada sobre as roseiras, em cabelo, ergueu-se, envolvendo-o num rapido olhar. Atarantadamente, Mateus reconhecera Izabel, no deliquio da luz vespertina. Tirou o chapéu, cortejou-a. Ela baixou a cabeça e de novo se inclinou sobre as roseiras, cal-

ma, tranquila, serena, sem manifestar a mais fugaz perturbação.

— Já me não conhece!—pensou Mateus. Ou, então, o seu desdem subsiste.

Enchendo-se de coragem, adquirindo audacia, quiz fazer uma experiencia decisiva e exclamou:

—Senhora D. Izabel!...

Imediatamente ela levantou a fronte, encarou com Mateus, intrigada e surpreendida, inquirindo:

—Quem me chama? Quem é o senhor?...

Estou então por tal fôrma mudado?

Izabel aproximou-se mais da sebe, fitando Mateus, e bradou, num grito:

—Pois és tu?

—Eu mesmo. Envelheci, desfigurei-me!... Como vae Simão?... Venho de tão longe! Não sou mais do que um espectro que regressa ao calor das vellas afeições!

—Simão morreu!—respondeu ela tristemente.

—Morreu?

—Ha dois anos!...

Calaram-se um momento, como se quizessem evocar a memoria piedosa do morto. O crepusculo baixava.

—Estas então viuva, Izabel?

—Estou, e tenho quatro filhos. O mais novo, Pedro, conta apenas seis anos... E tu?

—Eu!... Izabel, já me perdoaste?—interrogou Mateus, fazendo um esforço.

—O mal que me fizeste? Já!...

—Mas escuta!—pediu ele.

A bondade com que Izabel o recebia parecia-lhe natural, nada lhe encontrava de extraordinario. Tinham sido tão amigos! Porque não havia essa amizade de resistir, vivaz e magnifica, a todas as tempestades?

—Escuta!—continuou êle. Vivi até agora unicamente para que me ouvisse. O desvario já não tem remedio. Acabou-se tudo. Mas é necessario que eu me justifique. Quero que saibas coisas que ignoras, para que depois me julgues com equidade.

—E como te justificas? Como justificas a dolorosa carta que conservo e a tua fuga?... Que amor era o teu? Que raizes tinha ele no teu coração?—perguntou ela, animando-se.

—Ouve... Simão nunca te disse nada, e o meu procedimento não era um segredo para êle. Sacrifiquei-me por ti, unicamente por ti, juro-o!

—Mais mentiras?

—Não! Na minha idade a mentira não é possível. Tenho sofrido tanto... Simão amava-te com frenesi, alucinadamente.

—E que importava?

—Uma noite, entrou no meu quarto, desvairadamente, afirmando:— A vida sem Izabel é uma tortura que eu não posso suportar. Sei que te ama a ti e não me resigno á ideia de que ela pertença a outro homem, mesmo que esse homem seja o melhor e o mais leal dos meus amigos. Tenho aqui um revolver. Se tu não cedes, garanto-te sobre a minha palavra de honra que amanhã mesmo a matarei e que me suicidarei sobre o seu cadaver! Eis o que tu não sabias, Izabel!

Ela contemplava Mateus, mudamente, com a garganta sufocada de soluços. Duas grossas lagrimas borbulhavam nos seus olhos.

—Foi por isso que me sacrifiquei, que te escrevi a horrivel carta que te ofendeu, que te perdi para sempre... Porque ele matava-te, Izabel. Os seus olhos de louco não mentiam.

Silenciosamente, por cima da sebe, Izabel estendeu-lhe a mão que Mateus, comovido, beijou...

JOÃO GRAVE.

José Pereira de Sampaio (Bruno)



Ainda na pujança do seu excépcional talento, contando apenas 58 anos, faleceu no Porto o mais erudito dos jornalistas e escritores portugueses, José Pereira de Sampaio, mais conhecido pelo pseudónimo de «Bruno», que, desde as suas primeiras tentativas literárias, adotou.

Espirito de primeira grandeza, filosofo profundo e historiador consciencioso e sobrio, o illustre falecido teve uma vida de atanso trabalho, embrenhado sempre nos livros dos melhores autores e perdendo-se por entre arquivos investigando episodios e procurando datas, a fim de dar aos seus trabalhos elementos de veracidade,

a que outros escritores pouca ou nenhuma importancia ligam.

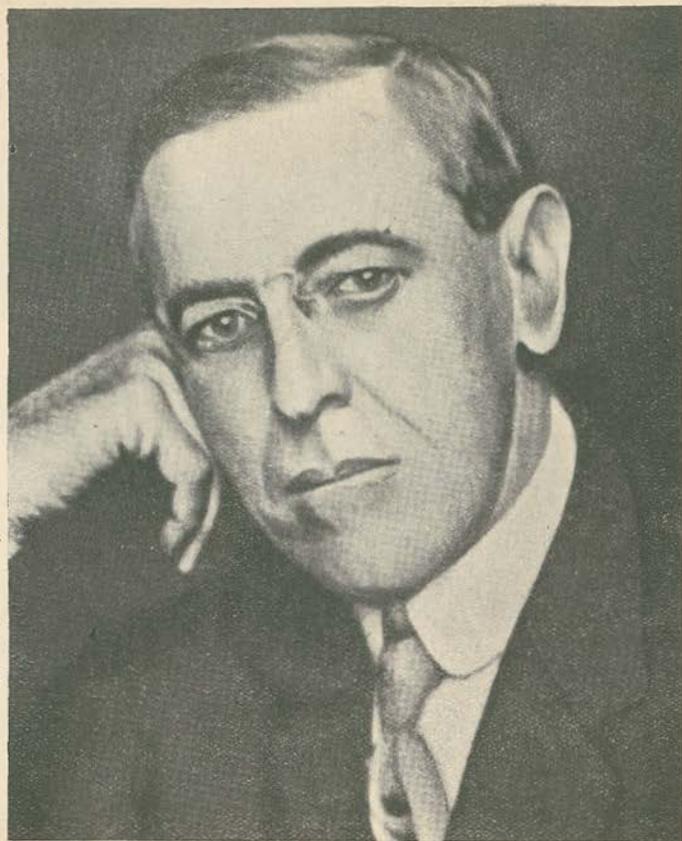
Foram estas qualidades que o elevaram no conceito do publico, que o aplaude e estima desde os 17 anos em que produziu um 'livro sensacionalissimo «A analise da crença cristã, estudos criticos sobre o cristianismo», que tiveram uma aura de verdadeira celebridade.

José Pereira de Sampaio foi sempre um republicano convicto, tendo estado homisiado em França quando da revolta de 31 de janeiro, no Porto. A' sua familia envia a «Ilustração Portuguesa» os mais sentidos pezames.

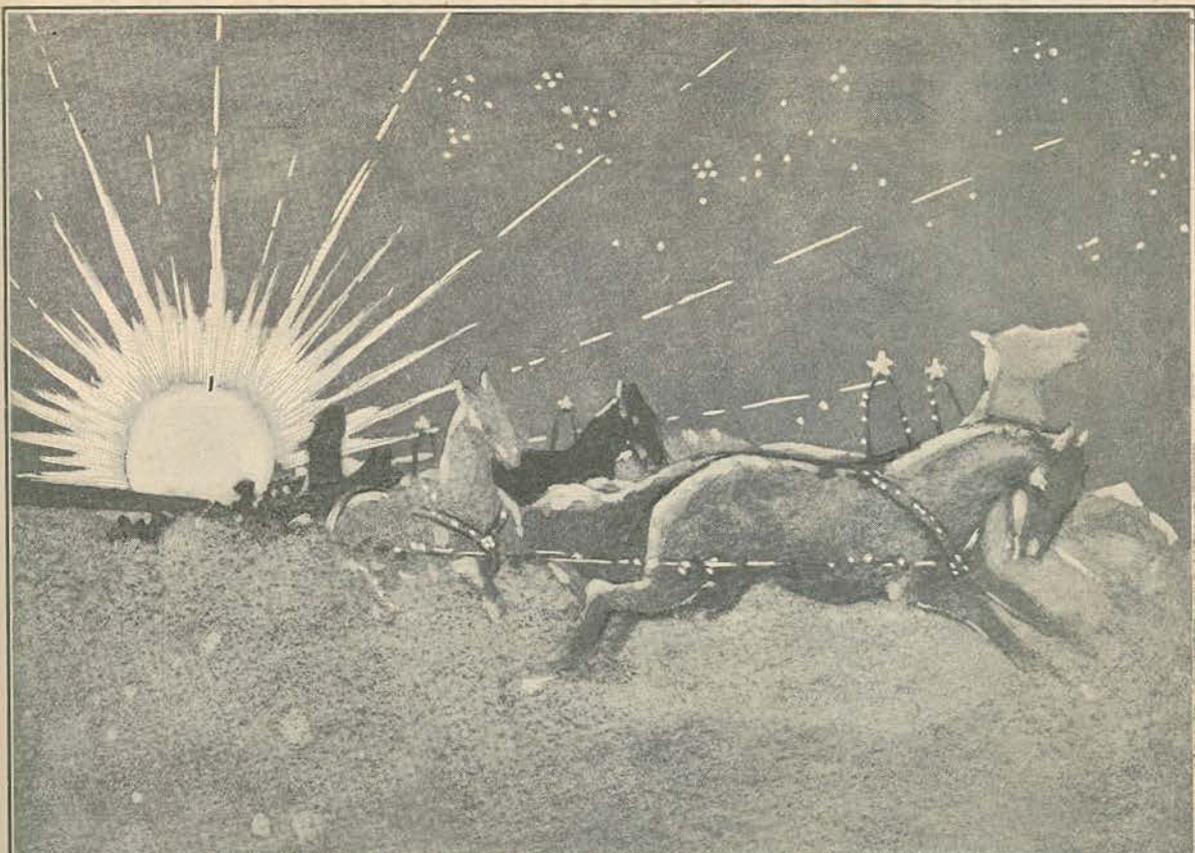
CASAMENTO ELEGANTE



Miss. Norman Galt, noiva de mr. Wilson, presidente dos Estados Unidos



Mr. Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos da America do Norte



SUPLICA DAS ESTRELAS

*«Deixa-nos ir, ó Sol! n'esse teu carro d'ouro;
ir contigo — viajar . . .
Ha no fundo do mar escondido um tesouro
de perolas sem par!*

*Nós vémo-las d'aqui, as pedras preciosas
que o vasto mar contem!
Quando a gente ilumina as noites silenciosas,
brilham elas também.»*

*E o bom do Sol amigo assim lhes respondeu:
— «Não pode ser agora:
tendes de alumiar a terra, o mar e o céu,
até que nasça a aurora.*

*As perolas que á noite a agua agita, e explendem
— Refreai vossas maguas! —
São a imagem do céu, dos astros que se acendem
refulgindo nas aguas.»*

*N'isto afundou no mar. E á noite, na amplidão,
uma estrela dizia:
«Como é tão alto o céu, que d'esta imensidão
nem eu me conhecia! . . .»*

J. M. DE SANT'IAGO PREZADO.

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continua a situação dos Balkans a ser o objeto de uma preocupação geral. podemos mesmo dizer que as operações em Fiança e na Rússia tem esmorecido um pouco de interesse em face do problema cada vez mais complicado do oriente.

Não parecem os outros estados muito dispostos a acompanhar a Bulgaria, a que a sorte das armas está sendo manifestamente adversa, visto que os reforços austro-alemães não tem sido aqueles com que contavam os invasores da Servia. Por outro lado, os reforços ingleses e francezes continuam a chegar em grande copia via Salonica partindo logo para o teatro das operações, o que está causando viva inquietação aos alemães.

Voltaram os governos da Alemanha e da Austria a fazer fortes diligencias junto do governo grego para que a Grecia renove perentoriamente a sua declaração de absoluta neutralidade, com a circumstancia bem clara de que dará igual tratamento a todos os beligerantes. N'essas diligencias entra a promessa do emprestimo de 40 milhões, que a Grecia tem em vista contrair, se ela impedir desde já o desembarque dos aliados em Salonica. Mas o rei Constantino, para quem apelou em ultima instancia a comissão austro-alemã que se encontra em Atenas a tratar do assunto, vendo-se intimidado pelos governos da Quadrupla e pelas significativas demonstrações dos navios dos aliados em Salonica, parece que respondeu que esta cidade é uma cidade livre e que a passagem por ela das

tropas aliadas em nada afeta a neutralidade helenica.

Se esta attitude se mantem finalmente depois de tantas tergiversações ou se é um jogo

que não deixa de ser traiçoeiro, não sabemos. O que sabemos é que o governo inglez e o francez estão na firme disposição de fazer adotar á Grecia uma linha de conduta, que não ofereça mais duvidas; ainda que tenham de a tratar como inimiga. E é tanto mais inflexivel a resolução da Inglaterra quanto é certo constar em Lon-



O general Joffre, acompanhado do general Kitchener, na sua recente visita a Londres

dres que, apesar de tudo, continuam entabuladas negociações grego-turcas sob a influencia da comissão austro-alemã que ainda não desiste.



Um inglez em traje de campanha

(Desenho de Ferreira da Costa)



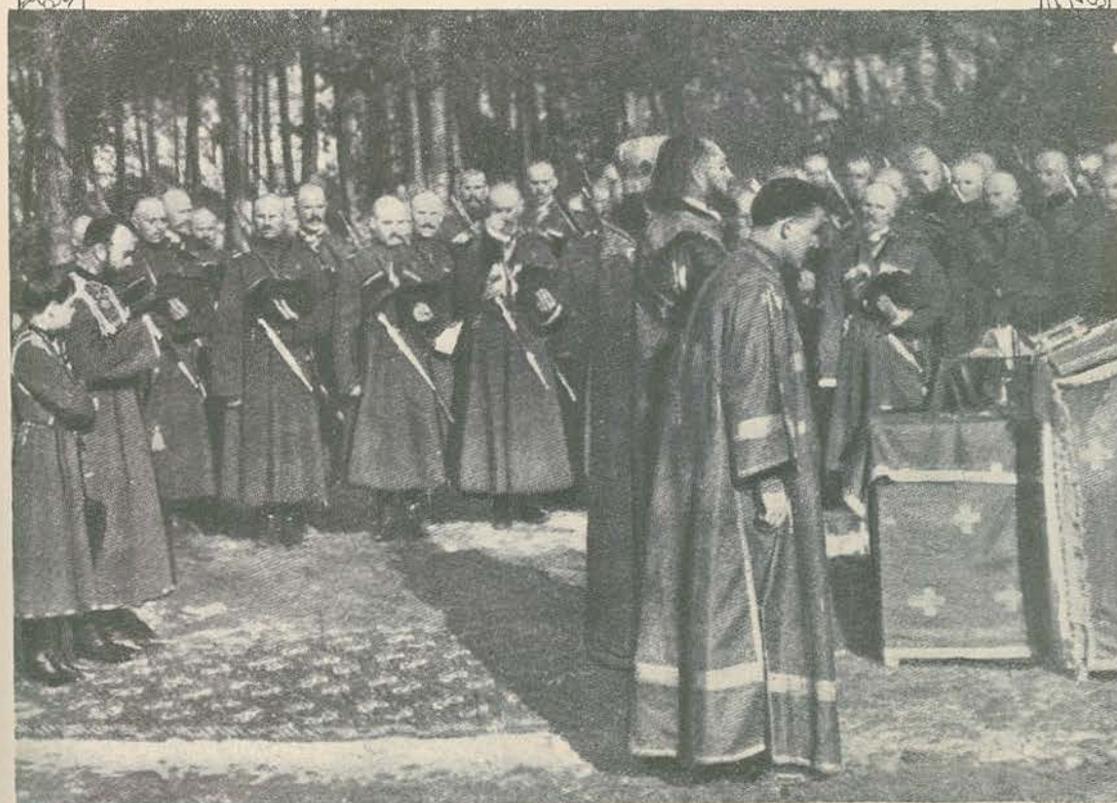
Depois da batalha de Champagne (No monte de Perthes).—Um territorial apanhando as armas abandonadas



Feridos alemães n'uma ambulancia franceza no dia seguinte ao da tomada de Tahir



No Caucaso.—O imperador da Rússia, acompanhado do príncipe herdeiro, passando revista aos cossacos na linha de fogo.



Missa campal a que assiste o imperador da Rússia

(Da *Illustrated London News*).



N'UM PONTO SOBANCEIRO A SOUCHEZ

Depois de um esforço verdadeiramente assombroso, os soldados franceses descendo o declive da cota 119, vêem-se detidos por uma linha de arame

farpado de grande solidez. Destroem-na e transpõem-na, deixando no chão os cadáveres de todos os alemães que tentaram opôr-se á sua marcha.

(L'illustration).



O que resta do moinho de Souain



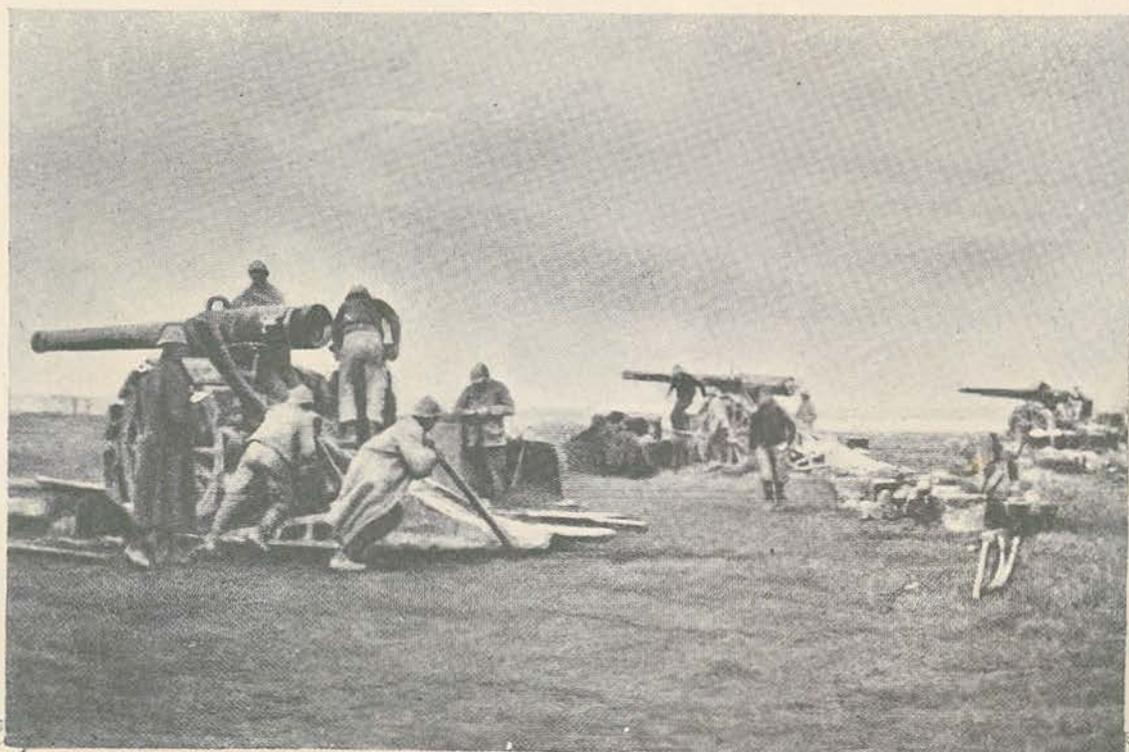
Fotografia encontrada n'uma trincheira alemã proximo do moinho de Souain em que se vê um grupo de officiaes alemães.



Fotografia do local em que foi tirado o grupo dos officiaes alemães depois dos francezes tomarem as trincheiras inimigas.



Desfile dos soldados de infantaria franceza vencedores de Tahir



Uma bateria de 120 em ação na Champagne, tendo desalojado os alemães das suas trincheiras com graves perdas de homens e material.



Missa realizada na Catedral de S. Paulo, em Londres, em memoria de miss Edith Cavell, barbara e ecbarcamente executada pelos alemães
(Da Illustrated London News).

A GUERRA NA FRONTEIRA ITALO-AUSTRIACA



Transportando uma metralhadora a 3.000 metros



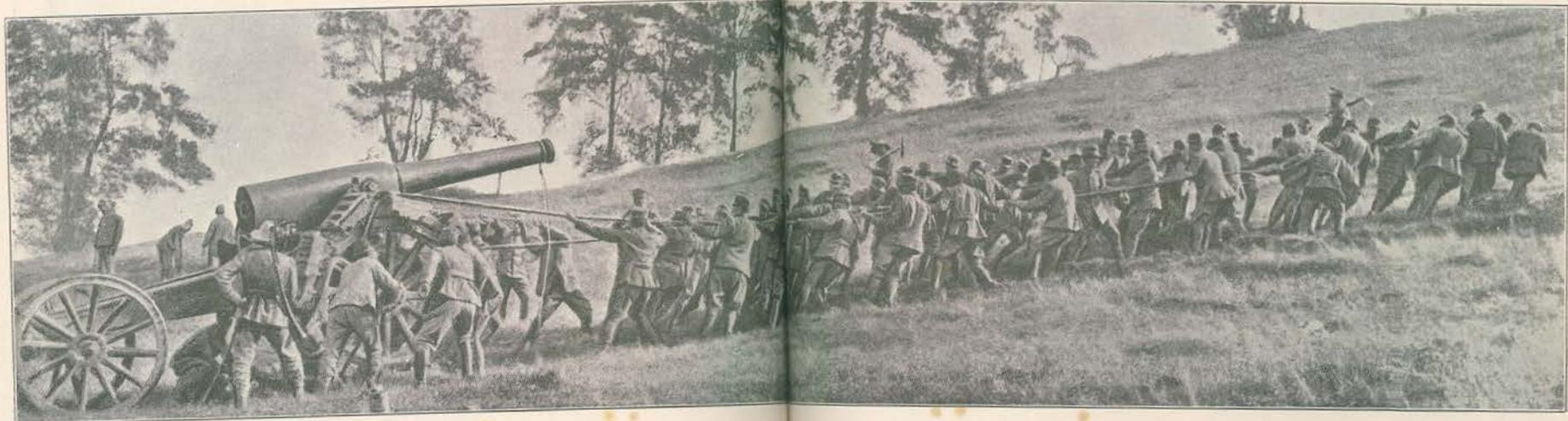
General Porro

Gen. d'Aosta Gen. Cadorna Rei Vitor Manuel Gen. Zupelli

Seguindo a fase de uma importante operação



Condução da artilharia para uma sítia montanha



Condução a braços de uma peça para tomar posição no campo de batalha

(Clichés da Illustrazione Italiana).



O rei Jorge V e o presidente Poincaré na frente da batalha.—O presidente da Republica condecorando os heroes do corpo colonial que se distinguiram na Champagne.—(Da Illustration).

Sob as bombas austriacas

A Veneza de Tiepolo

O viajante que entra em Veneza pelo caminho de ferro encontra, logo no começo do Canal Grande, perto da estação, uma igreja que atrairá mais o seu olhar pela suntuosidade exuberante da fachada, toda em mármore e guarnecida de numerosas estatuas, que pela pureza da sua arquitetura.

É a igreja dos Scalzi, que os Carmelitas Descalços de Santa Tereza começaram fazendo executar no fim do século XVII sobre planos dos arquitetos Sardi e Longhena, nos terrenos que tinham adquirido no tempo do doge Francesco Venier. Na decoração d'esse templo, exterior e interior, ha uma superabundancia d'adornos a que falta menos a opulencia que o mau gosto. Mas sobre as paredes cobertas d'estatuas, as balaustradas inumeraveis, as complicadas colunas brilhantes de mil marmores, ha ou, melhor dizendo, havia um teto pintado por Tiepolo, que uma bomba lançada por um aviador austriaco ha dias destruiu.

Eu não ousarei dizer que o fresco destruido fosse a mais bela das obras d'esse pintor admiravel que no século passado foi grande moda ignorar. Nem tam-

pouco direi que os servidores de Francisco José estiveram, pela escolha, n'esse lance, á altura dos artífices que incendiaram Reims. Mas, com esse teto dos Scalzi, desapareceu comtudo um pedaço d'arte a que não faltava nem a fantasia, nem o encanto, nem

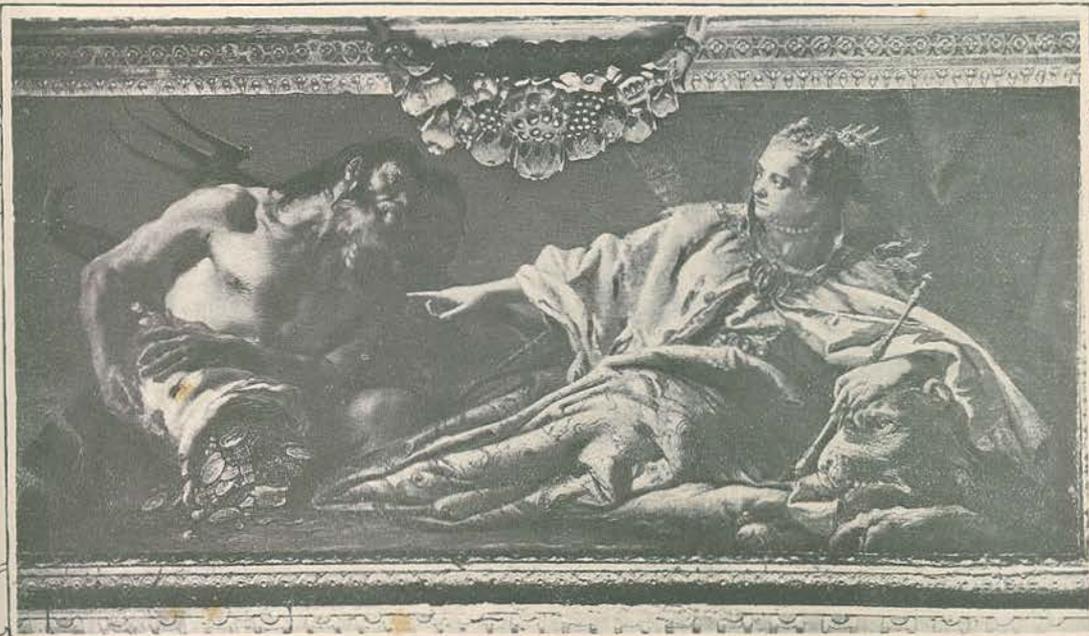
mesmo a frescura graciosa e suave que muitos julgavam excessiva n'um lugar de devoção.

Esse teto fôra pintado no periodo em que a Veneza gloriosa e rica d'outra ora agonizava n'uma interminavel orgia. O seu carnaval celebre durava então seis mezes; e na outra metade do ano, festas sem conta, religiosas, civicas, populares, a da coroação suntuosa do doge, a da *Senza*, os *sugre*, as regatas, os cortejos magníficos das gondolas atravez dos canaes iluminados de mil côres, conduzidas por gondolheiros de capas de veludo bordadas d'oiro, as maravilhosas feiras da praça de S. Marcos, onde a grande dama se confundia com a cortezã, e os funcionarios da republica e a nobreza e o povo confraternizavam na embriaguez, no jogo e no amor, faziam d'essa Veneza, como um poeta disse «o sorriso do mundo».

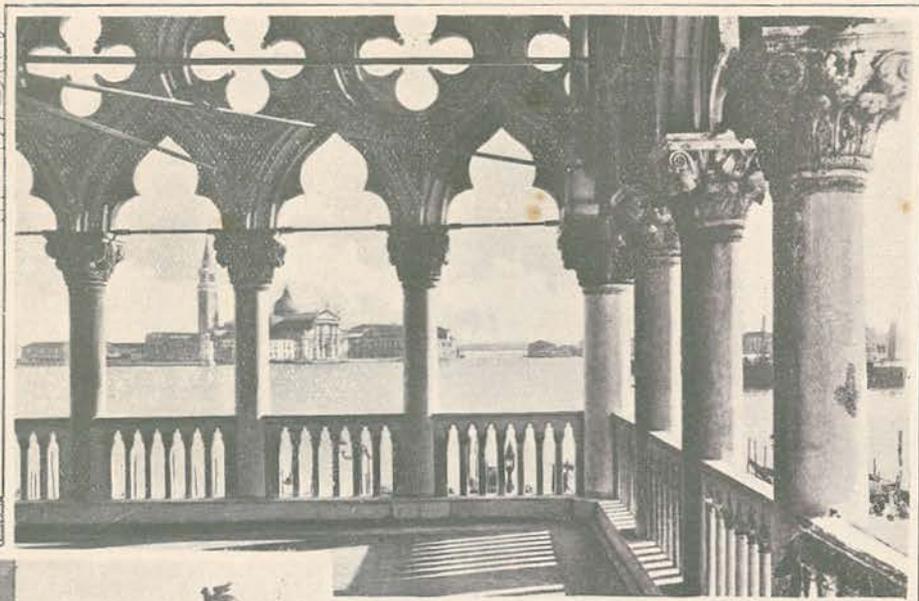
Para bem compreender



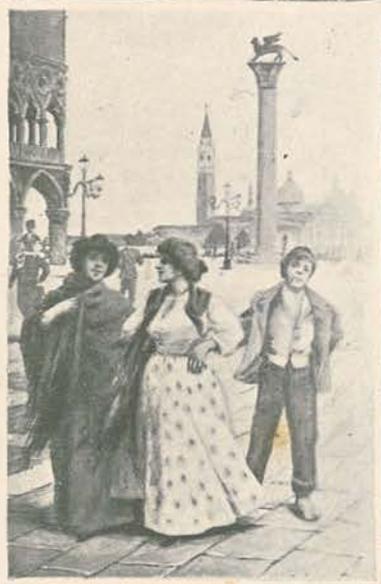
«Convite de Cleopatra a Antonio», um dos frescos de Tiepolo, que decoram o palacio Labbia, de Veneza



«Venus esposa de Netuno», quadro de Tiepolo, no palacio Ducal.—(Clichés Anderson).



A galeria do palácio Ducal que forma o angulo da Piazzetta e da Rivadei Schiavoni, os dois logares que tem sido visados pelas bombas austriacas



Um canto da Piazzetta

perrucas dos senadores, só frequentavam cantoras e dansarinas, jogavam, viviam d'empréstimos e sacrificavam a Venus, sua unica deusa. Philippe Charies, nos seus *Portraits contemporanis. mœurs et théâtres* e creve sobre a Veneza do seculo XVIII: «Não existe uma idéa moral bem nitida; as santas delicadezas do coração não inquietam ninguém. Jogo sempre aberto, oiro rolando sobre as mezas, mascaras e meias mascaras; burguezes honestos que esperam a ocasião de imitar os nobres; tal como acontece nas civilizações usadas, muitos *escrocs*, Mercurios, Ganymedes, maridos acomodaticios, irmãos condescendentes; no povo, como acontece ainda, regresso as



Um aspecto de Veneza no seculo XVIII: «O Doge embarcando no Bucentauros», quadro de Guardi

sseta, e alla sera una dosseta. A *dosseta* iam eles por vezes buscal-a aos mosteiros, onde a elegancia era extrema e a licença sem freio. Um pamphleto do seculo XVII, citado por mr. Charles Diehl n'um seu livro recente, já descrevia assim a vida das religiosas n'um monasterio veneziano: «Elas vivem sem

qualidades selvagens, bom coração, bom humor, boa graça, emfim uma vida encantadora, inebriante, sem força, sem principios, sem vergonha, cheia de venenos, de perfumes, de delicias». E um veneziano, do seculo XIX, Scudo, descreve assim essa epoca de supremo brilho e de delirio: «Todas as instituições se pulverisavam. A religião era sem gravidade, as leis sem influencia, os costumes d'uma facilidade inimaginavel. Não se acreditava em nada, nem em Deus, nem na Razão. A igreja era um espectáculo, o

esse Tiepolo bombardeado agora pelos barbaros, é preciso evocar a sociedade veneziana do seu tempo, d'esse tempo em que, no dizer d'um autor, as pessoas serias da republica do Adriati o eram bem raras, e os proprios *Peruconi*, as velhas

confissionario uma cõrte d'amor, a justiça uma espolunca, o casamento uma brincadeira. Troçava-se de tudo; ria-se de tudo, do passado, do futuro n'este mundo e no outro. Vivam o presente, a boa meza, o jogo, as lindas mulheres e a musica, por uma bela noite, nas lagunas! Ao diabo os negros cuidados e os remorsos! Era uma multidão misturada d'inquisidores, de padres, de polichinelos e de *cicisbei*, que corriam, bebiam, riam, dansavam até não poder mais. Era um barulho ensurdecedor de guizos, d'assobios, de bandolins, de sabres d'arlequim, uma alegre mascarada da vida, uma d'essas vastas anarquias que aparecem na hora suprema das nações». A vida do cidadão de Veneza resumia-a assim um proverbio da epoca: *Alla mattina una messeta, al dopodisnar una ba-*

piedade nem devoção. Algumas vestem-se d'uma maneira assás livre, frisando os cabelos, decotando-se quasi como as nossas mundanas e muitas d'elas teem os seus namorados que frequentes vezes as vêem visitar e cortejar. Durante o carnaval algumas ha que se mascaram e os amantes vêem buscal-as em gondola». Quando isso assim era no

Giovanni Battista Tiepolo foi o interprete supremo d'essa sociedade dissoluta. Mais tarde, quando a arte do seculo XVIII caiu em descredito e foi moda opôr a pintura dos Batoni e dos David á dos Longhi, dos Guardi, dos Boucher e dos Watteau, os criticos do mundo inteiro ou esqueceram com desdem esse illustre veneziano ou o trataram mal.



«A trasladação da casa de Lorette», pintura decorativa do teto da igreja dos Scalzi. obra de Tiepolo, destruida pelas bombas inimigas

seculo XVII supõe-se o que seria depois, no seculo de Cimarosa. O presidente de Brosses n'uma das celebres cartas que Saint-Beuve disse serem um dos mais espirituosos livros que se teem escrito sobre a Italia—precisamente a Italia do seculo XVIII—conta que, quando passou em Veneza, se travara uma furiosa briga entre os tres conventos da cidade disputando a honra de fornecer uma amasia ao novo nuncio.

Ruskin evidentemente desprezou-o, o italiano Ralli admirou-se de que ainda houvesse amadores capazes de comprar os seus quadros, Taine chamou-o maneirista e demoliu-o em meia duzia de linhas tão falsas como implacaveis, os Goncourt—coisa espantosa!—atravessaram a Italia sem o vêr, e Charles Blanc verberou o «genio malsão e bizarro» d'esse improvisador desleixado e incorreto», d'esse decorador «capaz de colocar n'um teto, en-



«A sala do Sacro Colegio, no palacio Ducal, no seculo XVIII», quadro de Guardi

tre os santos ou os anjos» um mocho ou um papagaio. Mr. Maurice Barrés, que foi aliás dos primeiros dos seus posterios a sinceramente admirar-o, acabou por não vêr n'ele mais que «um adoravel mestre de baile e o pintor de tintas claras, que nos revelou as pernas mais deliciosas». Esse fresco da *Trasladação da casa de Lorette* agora destruido nos Scalzi pelas bombas austriacas tinha aos olhos de mr. André Maurel «o ar de uma quadrilha cuja orquestra fosse regida pelo Padre Eterno». E ainda ha pouco mais d'um ano, mr. Jacques Blanche, a proposito d'uma exposiçào de pintores de Veneza, realisada em Paris, falava d'esse Tiepolo «borrador de frisos e de cupulas, para onde os castos parochianos não ousam levantar a cabeça com medo de perspetivas indiscretas e d'anatomias perturbantes».

Mas estes ultimos, contemporaneos nossos, sorrindo embora das fantasias doidivas, por vezes quasi absurdas, do artista, aprenderam comtudo a comprehendel-o e a amal-o: a comprehendel-o como o interprete admiravel d'uma epoca em que a dôce galanteria se misturava em tudo, até nas coisas santas, d'uma sociedade agonisando em delirio, ao som dos beijos frivolos, entre multidoes de seios desbragados, de pernas nuas e mascarar de setim. As virgens, as santas, os anjos dos seus tetos claros, que assustariam Fra An-

gelico como uma visào do inferno, eram no fim de contas as lindas e impudicas venezianas do seu tempo. Admirador mais do que se pensa dos velhos mestres, ambicionando com fervor na sua palêta as côres d'um Veronese, o bom Tiepolo, aturdido em plena festa de Veneza, contemplava a orgia da terra e, nas azas do seu genio, transportava-a para o ceu.

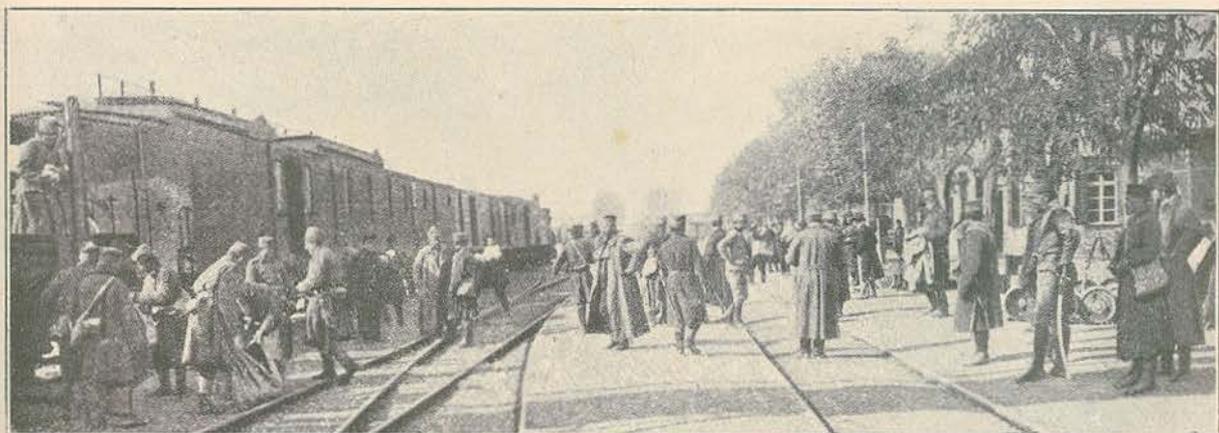
E' curioso comtudo observar que esse artista voluptuoso, cuja arte ainda hoje escandalisa os olhos pudibundos, era na vida um honesto e pacato burguez a quem a admiração dos seus contemporaneos dera a fama e a fortuna, que trabalhou na Europa inteira e que, tendo casado cedo com a irmã de Guardi, foi pae de muitos filhos e para eles e para a arte viveu até aos 74 anos, quando a morte o surpreendeu pintando em Madrid as decorações do palacio real. No segundo centenario do seu nascimento, os seus admiradores, ansiosos por vingar um longo e injusto olvido, organisaram exposições solenes dos seus quadros. Uma realisou-se em Veneza, outra em Würzburg, onde Tiepolo decorou o palacio dos principes. Pormenor curioso: esta ultima organisou-se com o concurso de todos os museus da Alemanha, sob o patrocínio directo do regente da Baviera e do Imperador.

Paris, outubro,
Paulo Osorio

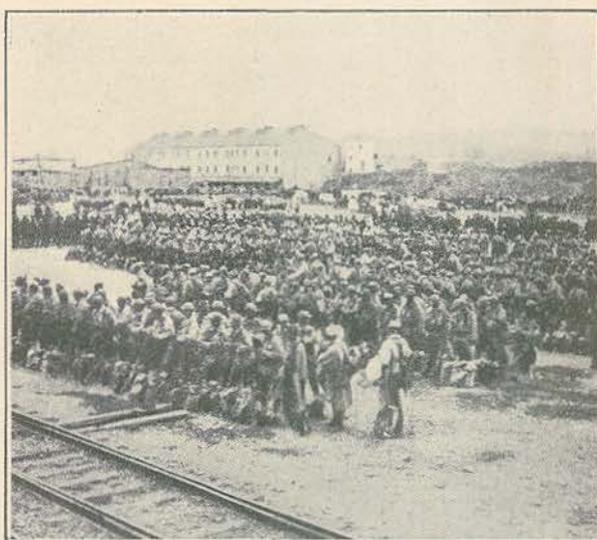


«O Carro de Venus», quadro de Tiepolo, no museu do Prado

NOS BALKANS



A estação de Uskub ocupada pelos bulgaros



Dois aspetos de tropas francezas desembarcadas em Salonica dirigindo-se para o campo de Zeitenlink



Acampamento servio na fronteira bulgara nas proximidades de Vranjsa



Elegância e desembaraço

(Desenho de Ferreira da Costa)



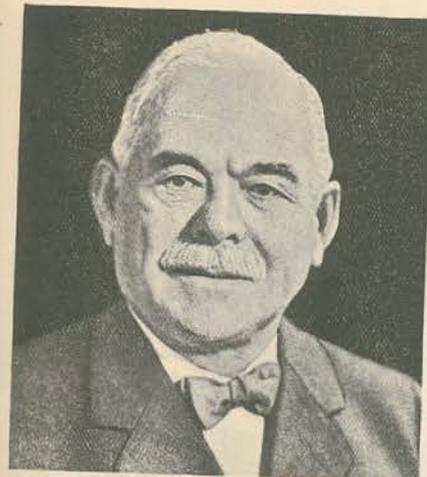
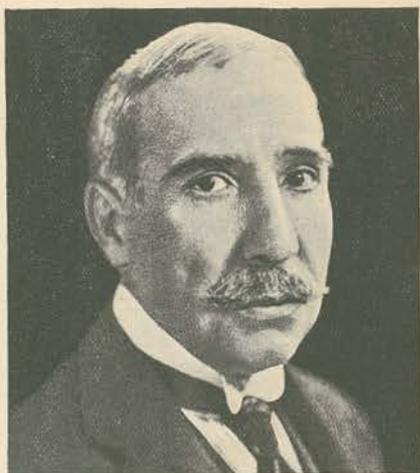
Uma cena da peça *Debalzo de Fogo* que se está representando com grande sucesso no Teatro Hudson, na America

PORTUGAL E A COLONIA PORTUGUEZA NOS ESTADOS UNIDOS

A celebração da festa nacional de 5 de outubro revestiu excênico brilho e importância este ano na vasta colônia portuguesa em S. Francisco da Califórnia, devido à circunstância de com tanto êxito nos havermos representado na exposição internacional Panamá-Pacífico.

N'este belo trecho de uma fotografia panorâmica que reproduz a cerimônia oficial da comemoração, vê-se no alto da escadaria do pavilhão português, unanimemente reconhecido como um dos mais artísticos e de feliz concepção do grande certamen, o ministro de Portugal em Washington, mandado expressamente a S. Francisco para representar o governo, o representante do presidente Wilson, o vice-presidente da exposição, o consul de Portugal sr. Simão Lopes Ferreira e o vice-consul sr. M. de T. de Freitas, que é ao mesmo tempo a mais importante individualidade da colônia pelos seus meios de fortuna, pelo seu prestígio e pela sua situação nos meios financeiros americanos.

Trocaram-se entusiásticos e afetuosos dis-



curso entre os representantes da América e o ministro e consul portugueses, e o sr. visconde d'Alte foi alvo de numerosas distinções e convites para banquetes.

Realizou-se também uma parada de automóveis enfeitados, um banquete da colônia, etc.

«O Western Life» publicou um magnífico número de edição especial de trinta e duas páginas, profusamente ilustrado e todo consagrado à colônia portuguesa em que merecidamente se exaltam os serviços prestados pelo consul sr. Simão Lopes Ferreira, a cuja iniciativa se deve a fundação da escola da língua portuguesa, da Câmara do Comércio de S. Francisco, etc.

Egal preito é ali rendido ao vice-consul sr. Freitas «the great man of the Portuguese Colony», como ali lhe chamam, fundador do Banco Português Americano, diretor de outras importantes instituições e que custeou do seu bolso o ajardinamento de todo o recinto da nossa exposição.



1. O sr. Simão Lopes Ferreira, consul de Portugal em S. Francisco da Califórnia

Na inauguração da exposição do Panamá.—Um sapeto do pavilhão português, vendo-se na escadaria o representante do presidente Wilson, o vice-presidente da exposição, o consul de Portugal sr. Simão Lopes Ferreira e o vice-consul sr. M. de T. de Freitas, que é ao mesmo tempo a mais importante individualidade da colônia pelos seus meios de fortuna, pelo seu prestígio e pela sua situação nos meios financeiros americanos.



2. sr. M. P. de Freitas, vice-consul de Portugal em S. Francisco da Califórnia

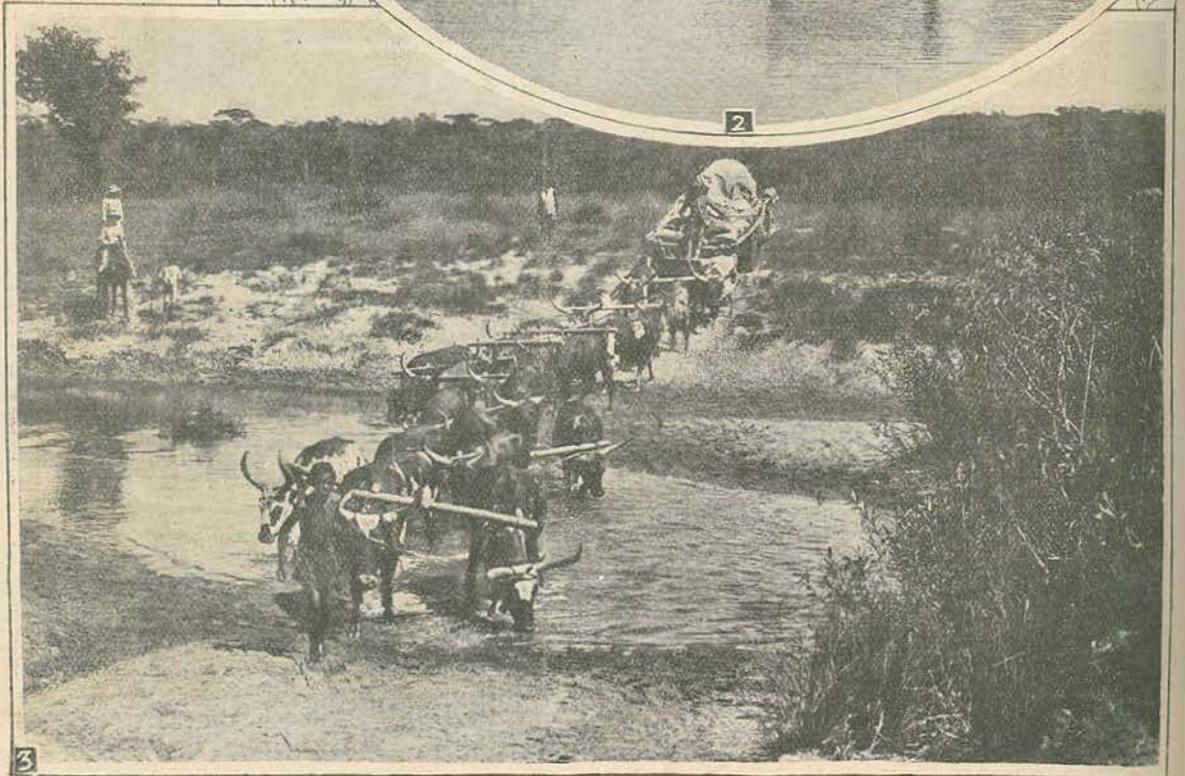
Mr. Wilson, presidente dos Estados Unidos da América e os srs. Simão Lopes Ferreira e M. T. de Freitas, consul e vice-consul de Portugal.

SUL DE ANGOLA



1. *Praia Amella.* — Destocinhando as baleias para lhes extrair o azeite.

2. *Humpata.* — O rio Neve.



Um carro boer atravessando um rio.—(Clichés dos fotografos srs. Guerreiro & Pizarro).



Alvaro Monteiro. — Aos estragos da tuberculose succumbiu na Guarda o sr. Alvaro Monteiro, que por alguns anos foi ponto do teatro Nacional, do qual transitou para o Ginasio.

Tendo falecido o ator Vale, o sr. Alvaro Monteiro fez-se empresario d'este ultimo teatro, proporcionando ao publico lisboeta duas epocas

brilhantissimas. Era ainda muito novo e deixa bastantes saudades.

Pires 'Marinho.

— Contando apenas 50 anos de idade faleceu ha dias em Lisboa o sr. José Pires Marinho, artista de incontestaveis aptidões.

Foi ele o fundador em Portugal da fotogravura, que tanto valor veio dar aos livros e jornaes illustrados.

A sua morte foi extraordinariamente sentida pelos seus inumeros amigos e pessoas que admiravam a sua excepcional actividade.



Antonio José David.

— No seu palacete da Avenida 5 de Outubro faleceu ha dias este estimado capitalista e antigo comerciante, irmão do sr. José Antunes David, socio da firma David & David, do Chiado, pae do sr. Alberto David, socio da casa Suissa, da praça de D. Pedro e sogro do distinto advogado sr. dr. Custodio Martins de Paiva e do comerciante sr. Eduardo D. Martins.



D. Ana de Vasconcelos.

— Com 87 anos de idade faleceu em Arouca a sr.^a D. Ana Emilia Soares de Sousa Brandão de Vasconcelos. mãe do sr. dr. Brandão de Vasconcelos, ex-senador e medico em Colares, dr. Afonso Brandão, presidente da Relação de Nova Goa, Alberto Brandão, presidente da camara municipal de Arouca e dr. Adriano Brandão, medico em Sobral de Mont'Agrazo.

presidente da camara municipal de Arouca e dr. Adriano Brandão, medico em Sobral de Mont'Agrazo.



Um aspecto do funeral de Ives Mury Madeu, *quartier maître* da canhoneira *Surprise*, surta no Tejo, que foi atacado de febre e recolheu ao hospital-asilo de Saint Louis, na rua Luz Soriano, onde faleceu. No funeral incorporaram-se marinheiros francezes e portuguezes, prestando-lhe estes as honras funebres no cemiterio onde foi sepultado



1. Oficiais do exercito saindo do palacio de Belem depois de terem ido cumprimentar o chefe do Estado. — 2. O comandante da divisao naval, capitao de fragata sr. Leote do Rego, saindo do palacio de Belem, e outros officaes da Marinha. — 3. A deputacao de alunos da Escola de Guerra que foi ao palacio de Belem saudar o sr. presidente da Republica. — 4. O sr. dr. Abel de Pinho, juiz presidente do Supremo Tribunal de Justica, acompanhado de outros funcionarios e magistrados saindo do palacio de Belem. — 5. O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, com o sr. dr. Jose de Castro, presidente do ministerio e o ministro de instrucao, sr. dr. Lopes Mar-

tins chegando a Camara Municipal. — 6. O chefe do Estado acompanhado do sr. dr. Teofilo Braga, depois da sessao solena da Academia de Ciencias de Portugal. — 7. O sr. dr. Julio Dantas, depois da sua brilhante conferencia a bordo do «Almirante Reis», em grupo com os ministros da guerra, sr. Norton de Matos, o presidente do ministerio, sr. dr. Jose de Castro, e o sr. Leote do Rego e outros officaes da divisao naval. — 8. Na igreja da Pena celebrou-se o casamento da sr.^a D. Belmira da Cunha Santiago, irma do sr. Emilio Santiago, diretor da Companhia Agricola do Principe, com o sr. Joaquim J. Salgado, engenheiro, filho do sr. dr. Joaquim Antonio Salgado. (©Cliches Benollet).



1. MOITA.—Grupo de cidadãos republicanos que na Moita efetuaram um banquete em homenagem ao sr. dr. Afonso Costa, realizado na propriedade denominada a «Filipa», do sr. João da Costa Ração—2. VILA DO CONDE.—Vencedores da última regata realizada no rio Ave entre «sportsmen» d'esta vila e de Viana do Castelo. Da esquerda para a direita os srs. Manuel Flores, Coriolano Saraiva, João Gomes da Silva, José Teixeira da Silva e António Gaetano—(«Glicê» do fotógrafo sr. J. Adriano)—3. BEIRA (AFRICA).—Sargentos e mestre de corneteiros da guarda policial da Companhia de Moçambique, srs. S. Costa, Americo Douteil, Francisco Garcia Mendes, Antonio M. Torres e Martinho Rodrigues—4. FUNCHAL.—Personagens da grande revista «O Kumal» e representada com sucesso no Funchal. Da esquerda para a direita os srs. E. Melim, J. Soares, J. Guerreiro, E. Pestana, V. Acciaoly, V. Ornelas, F. Barradas e Mendes—5. SANTOS (BRAZIL).—Os srs. Antonio Aguiar, Luiz Fernandes Silva, João de Araujo Gu-des e Luiz Antunes, que ofereceram ao ator Carlos Leal, da companhia Galboardo, um lindo objeto de ouro. Todos os oferentes são republicanos da velha guarda—6. LOANDA.—Um quarteto distinto, composto dos srs.: da esquerda para a direita Juão Joaquim Carneiro, Teó Antonio de Almeida, diretor; Antonio Martins Patricio e Jorge Passos Sousa Freire—7. PARA.—Um grupo de leitores da «Ilustração Portuguesa». Da esquerda para a direita: srs. Daniel Marques Carvalho Dias, Jaime Ferreira dos Santos, Amadeu de Sousa e Celestino José da Silva. Todos empregados no comercio—8. NIASSA.—Grupo de sargentos da 1.ª companhia indígena de infantaria, expedicionarios no Niassa. Da esquerda para a direita: srs. João dos Santos Luiz, Antonio da Silva Emeterio, Alfredo da Apresentação Fernandes e Manuel Antonio Ferreira.

TEATROS

MALQUERIDA, no Teatro Nacional

Não sei se «La Malquerida» é a obra prima de Jacinto Benavente. Ha quem lhe prefira, na sobriedade academica dos processos, na largueza da concepção, na graça italiana e na transparente ironia da fôrma, «Los Intereses Creados» que, infelizmente, o publico de Lisboa não compreendeu.

O que sei é que «La Malquerida» é a mais

hespanhola, a mais vibrante de todas as peças do autor da «Gata de Angóra». E' uma tragedia rustica — em que ha sangue e raça, instinto e fogo. Ha n'ela um pouco da poesia incestuosa de d'Annunzio e as suas figuras e até mesmo o corte sombrio das situações lembram o teatro siciliano, cheirando a terra e a carne. E' um



O ator Pato Moniz

(Foi readmitido como sociofario de 1.ª classe no quadro dos artistas do Teatro Nacional)

drama de paixão — e de odio. A fatalidade classica envolve, com as suas escuras roupagens, o ambiente sinistro d'esses tres atos conduzidos com a energia d'uma verdadeira tragedia.

O repertorio do Teatro Nacional, que no ano pasado abriu as suas portas com uma comedia dos Quintero, não tinha ainda inscrito o nome de Benavente. A representação de «La Malquerida» no uosso teatro oficial, resgata essa divida de honra.

E' dificil manter, no nosso meio e nos nossos palcos, a esse teatro regional hespanhol o ambiente e o caracter que ele exige.

Na «Malquerida» a essas dificuldades acrescemos as dificuldades que tem sempre, no nosso teatro burguez, a representação d'uma tragedia. Dando, pois, o desconto a estas condições, a algumas das quaes nem a propria hespanhola Rosario Pino resistiu, a montagem da «Malquerida» pôde, legitimamente, considerar-se honrosa e mesmo brilhante no palco da casa de Garrett.

Augusta Cordeiro é uma atriz que ama, como poucas, a sua profissão: é, em toda a acepção e no melhor sentido da palavra, uma artista.



A atriz Augusta Cordeiro

O teatro é a sua absorvente, nobre, exclusiva preocupação.

Coube, d'esta vez, ao seu estudo, um papel seco, violento, novo na sua carreira d'atriz — o papel de Raimunda. Desempenhou-o com notavel brilho e com o talento de sempre.

No papel de «Acacia», Laura Cruz afirmou o seu alto e incontestavel valor dramatico.

Augusto de Melo, que encenou a peça muito bem, representou com acerto; Pato Moniz foi feliz na brutalidade e miseria do «Russo».

Carlos Santos interpretou a primeira figura masculina da «Malquerida» com vigor notavel. E' uma das melhores coisas, ultimamente. E com prazer registamos tambem, além da rabula magistral de Lucinda do Carmo, as afirmações do merito de Calazans e os progressos de Motili.



O ator Augusto de Melo

LA DONNA É MOBILE, no Teatro do Ginasio

«La Donne é mobile» é uma peça americana que João Soller traduziu com a sua conhecida competencia d'um «arreglo» do hespanhol. Tem «humour» — essa especie da graça inglesa, candida e maliciosa, ao mesmo tempo infantil e simples.

O nosso publico, habituado ao genero francez, apreciou no entanto o sabor e a fantasia d'essa graça que «miss» Margaret Mayo, uma especie de Feydeau casto e femenino, compoz e realizou com engenho e vivo espirito.

O desempenho pareceu-nos bom, especializando Maria Matos, Mendonça de Carvalho, Silvestre Alegria e, n'um papel que não é do seu «emploi», Celeste Leitão.

O cenario, de Mergulhão, é otimo. E' de toda a justiça des-tacal-o.

A. de C.

PARA ENGADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em percaline de fantasia para encadernar o PRIMEIRO SEMESTRE DE 1933, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ottimo efeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respétivo.

ADMINISTRAÇÃO DO “SECULO” — Rua do Seculo, 43, Lisboa

CONTRA a°
ASTHMA
 o PÕ
 de **ABYSSINIA**
EXIBARD
 alliole
 Instantaneamente

B. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
 6, Rue Dombasle, Paris.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
 CHIROMANTE
 E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e lliologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja) — Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

M OZAIICOS — AZULEJOS —
 CAL HYDRAULICA
 CIMENTO AGUIA ROCHEDO
 GOARMON & C.
 Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
 TELEPHONE 1244 — LISBOA

Perfumaria
 Balsemão
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 2777 — LISBOA

Trabalhos de Zincogravura,
 Fotogravura, Stereotipia, Im-
 pressão e Composição

Fazem-se nas

OFICINAS

DA

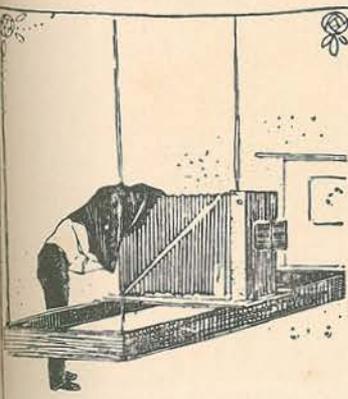
Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcédivel perfeição

Zincogravura e Fotogravura em zincos simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nikelado. Em cobre, a côres, pelo mais recente processo — o de tricromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

Stereotipia de toda a especie; de composição, impressão e composição de todo o genero de revistas, catalogos, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

RUA DO SECULO, 43 — Lisboa



Casa Mimoso

CHAPEUS

PARA

SENHORAS

Todas as semanas modelos de Paris

Sempre um sortido variadissimo

127—RUA DO OURO—131

LISBOA

TELEFONE n.º 982